



ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO E TRANSPLANTAÇÃO CULTURAL NO BRASIL DE HOJE

Marcos Almir Madeira

Bacharel em Direito, Professor de Sociologia e Direito Público, Presidente do P.E.N. Club do Brasil e Conselheiro Vitalício da Associação Brasileira de Educação.

Regente de cátedra na Faculdade de Filosofia de UFF, como Professor de Sociologia e Fundamentos Sociológicos da Educação, e professor da mesma matéria na Faculdade de Filosofia da UFRJ.

É autor, entre várias obras publicadas, de "Oliveira Viana e o Espírito de Sua Obra", "Sociologia e Ciência Política", "Compreensão de Euclides da Cunha" e "Posições Vanguardistas na Sociologia Brasileira".

A formação e o florescimento do espírito universitário não constituem problema de currículos e programas; melhor: não derivam ou não dependem, apenas, da transcendência, revestimento ou feição hierárquica que os possam caracterizar. Pouco importa a altitude dos propósitos, sem a garantia dos processos e de uma consciência que produza o ensino realmente superior. A que visa esse ensino senão à constituição e disseminação de correntes de idéias, consolidadas pela pesquisa honesta? Só isso está a indicar que o primeiro dever da universidade moderna é dilatar o horizonte mental do aluno, nele criando e avivando um estado de opinião. O essencial é aquele lastro, aquele suco, aquele caldo de cultura, ao fim de certas combinações sutis. Mais do que conhecer, importa sentir os assuntos do temário letivo — penetrá-los, vivê-los. Por isso mesmo, creio bem que o professor universitário há de ser, como nenhum outro, um provocador de idéias e entusiasmos, capaz de prestar ao aprendiz o benefício de levá-lo à consulta interior e à prática dos autodesafios, abrindo-lhe o gosto ou, se posso dizer, o apetite intelectual, quase sempre insatisfeito ou inexplorado.

Não faltarão quem pondere que nem todas as cátedras ou disciplinas de um curso se compadecem com a técnica humana dessa motivação ou com a motivação, por excelência ativa, dessa filosofia. Vai nisso um equívoco. A rigor, não existem assuntos estanques, de trato invariável ou rendimento duvidoso; o que há são gerentes intelectuais com maior ou menor senso de seleção e maior ou menor empenho no trabalho. A rotina, se não é sempre eliminável, é sempre passível de um mínimo de atenuação, com um mínimo de esforço imaginativo. Toda ciência, toda doutrina, todo tema tem os seus aspectos, os seus lados, os seus recantos visíveis; são, em alto número, os mais propícios à construção didática. Descubri-los para o aluno e com o aluno, aproveitá-los, habitá-los por uma hora de aula, ou por meses, é o melhor a fazer num ensino que aspire a ganhar o interesse e não a apatia do estudante brasileiro. Apontar-lhe o caminho, equipá-lo de idéias e convicções, imunizá-lo contra certas ilusões da época, fazer dele uma espécie de expedicionário intelectual e deixá-lo partir na conquista dos temas de todo o ano, à procura das verdades de toda a vida, eis, a meus olhos, a primeira, a mais útil, a mais atraente pesquisa a estimular. Mas, se essa fonte de vibração e alegria intelectual não jorrar; se se confinar o ensino no simplismo embotante das pequenas definições, porta aberta ao psitacismo e à mediocrização; se se transformar o mestre em compêndio sonoro ou papel-carbono das próprias "apostilas"; se ele não se der à paciência arguta de localizar o ponto nevralgico de cada "ponto", o centro nervoso ou o coração de cada tema; se preferir que o aluno saiba coisas a que lide com problemas — então será forçoso convir em que a esse aluno se ajustará a triste mordacidade de uma conclusão: saberá tudo e não compreenderá nada. Mais isso: um ensino assim conduzido, mecânico, modorrento, medíocre — tenhamos a coragem de reconhecer — explicará, em boa parte, que o nosso discente aprenda sem apreender, como quem olha mas não vê, ou vê, mas não distingue.

De certo modo, o que hoje responde pela chamada crise do ensino é a insistência com que muitos vão erigindo num *fim* aquilo que não passa de um *meio*: a *esquematisação*. Em numerosos casos, a didática, como vai sendo concebida e praticada, agrava, em vez de obstar, o tique da memorização. No passado, decorava o aluno as palavras do mestre, do "lente"; já agora, decora o "educando" os quadros do "educador". Passa ele a instruir, pela sedução dos "esquemas", o próprio truque da "cola", de que fica sendo como um agente inevitável, duas vezes paradoxal: vai além de facilitá-la, aviando-a e preparando-a, não com o aluno — o que seria menos mau — mas para o aluno, o que atinge o péssimo.

Decididamente, esse "educar", embora as aparências, está longe de "preparar para a vida"; o que consegue — quando consegue — é preparar para a "prova", já feita, aliás, pelo "educador", em "quadros" no quadro. Aí começa a "motivação" do menor esforço, garantia prévia da "cola". Como fundo de cena, setas e chaves, abertas a giz, vão fechando, pontualmente, a inteligência das turmas; fechando e secando, tirando-lhe aquele óleo vital, esvaziando-a, como que suga a sensibilidade criadora.

Onde o princípio essencial? Onde o respeito à personalidade do educando? Onde o seu desenvolvimento racional e harmônico? Onde a filosofia democrática de

educação? Na prisão do esquematismo, onde se enfiam as inteligências, esquartejando idéias por um critério simplesmente repartidor, numérico-divisionista? Seria, então, de armar outra pergunta: onde o combate à educação *formal*? A resposta só poderia abrigar uma conclusão: com apoio numa falsa didática, o que se está fazendo é urdir, contra a filosofia da "escola nova", uma técnica para destruí-la. Peçam-me que decline as virtudes supremas do ensino e eu proporei dissílabos: vida, viço, alma.

VELOCIDADE E COMPLEXIDADE — O NEOBACHARELISMO OU O FORMALISMO TECNICISTA

Estou aflorando verdades, cujo reconhecimento é uma imposição do nosso tempo. Mas sejamos cerebrais e guardemos o senso da medida, dissociando o retrato da caricatura. Esta, que vivemos, é a mais contraditória das épocas. O mundo inteiro trabalha na organização do exagero; e, como o exagero é sempre uma fuga da realidade, não há senão concluir que somos um mundo arrogantemente ingênuo. Velocidade, eis a sina da hora. Velocidade nas máquinas, velocidade nas almas; velocidade no trabalho, maior velocidade na ambição. A isso vamos chamando, com toda a pressa, espírito de eficiência... Mas, se baixar a nossa pressão intelectual, creio que o pensamento, voando noutra direção, acabará pousando numa conclusão exata: a de que esse ideal de velocidade, essa ânsia de eficiência rápida, perdem todas as possibilidades de concretização, vitimados pelos excessos da própria técnica. Tal a audácia da nossa ingenuidade: queremos ser um mundo veloz, num mundo que fazemos complexo; disputamos a reta por um caminho de espiral — e agravamos essa complexidade, a encher a vida de objetivos para esvaziá-la de atitudes, onerando o espírito, mais que a bolsa, nas operações do tecnicismo...

Aí está a grande ilusão, a sombria incoerência do chamado homem moderno; aí, em suma, a congestão do espírito *prático*. E maldiz-se do passado...

Em verdade, assinalou-se, no mundo clássico, a incidência de dois complexos — o *literário* e o *jurídico* — a perfazerem dois tipos dominantes de cultura. Produziram ambos uma motivação unilateral e formalista da vida social, e ainda subsistem. A *forma* e a *norma*, como expressão de feticchismo, o espírito *retórico*, ou a palavra pela palavra e o complexo *legístico*, ou a lei, geraram a consideração bizantina, acadêmica, romântica, dos fatos e problemas sociais. Dominava aquilo a que nosso Fernando de Azevedo chamou "as funções dialéticas do espírito". Numa palavra: estava no auge a floração do verbalismo. *Leis e letras* — o *Forum* e a *Academia*, a gramática da lei e a lei da gramática — uniam, afinal, jurisperitos e "peritos dicendi", sob um mesmo estado de euforia intelectualista. O mundo era o pretório — e o pretório fora a sede da retórica...

Não há negar tudo isso; mas uma outra verdade é que essas idéias não abonam a conclusão afoita de que a solução político-educacional, para os problemas de base, deva consistir, no Brasil como no mundo, em contrapor ao espírito *litero-ju-*

ridico a postura tecnocrática. Importaria isso, nunca uma superação, mas uma transferência de complexos, fruto de atitude simplista, tanto mais de evitar quanto é real que a experiência e a vida vivida — principalmente no trato da educação — estão a indicar o surto de um *neoformalismo*, senão mesmo de um *neobacharelismo*; e este, já não mais de jurisperitos, vai crescendo paradoxalmente à sombra do espírito *pragmático*, turbado por uma falsa noção de *objetividade*. O que está ocorrendo é apenas uma diferença de motivação: as fórmulas são outras, mas o espírito de bizantinismo e preciosismo é afinal o mesmo. Tanto vale deduzir que esse neoformalismo resulta, precisamente, de uma concepção intelectualista — teorizante, portanto — do senso mesmo da realidade.

Veja-se: denunciámos o formalismo ltero-jurídico e caímos — caímos é o termo — no *bacharelismo tecnicista*. Insisto: as fórmulas são outras, mas o espírito é o mesmo, a começar pela tendência ao casuismo pletórico. Medite-se no que acontece hoje à sociologia, congestionada pelo-analismo forense do "case study" ou do "fact-finding", a oscilarem entre o eruditismo inconseqüente e a ingenuidade planificada. . . . Observem-se, em nossa atualidade, em nosso meio nacional brasileiro, os tipos mentais que já se têm por dominantes: o do *teórico da prática* e o do *verbalista da técnica*, a abrirem o ciclo de um pedantismo agressivo, a dificultarem o fácil, a facilitarem a dúvida, a duvidarem de tudo. São "fazedores de nada", imolados na própria teoria, ilhados nos próprios esquemas, prisioneiros das próprias fórmulas, sitiados na própria *ordem*. Reflita-se sobre a falência tragicômica dos seus métodos de trabalho. Veja-se que quase tudo é agitação no espaço e bem pouca realidade no tempo. Mas repare-se, sobretudo, nos reflexos desses erros na educação em geral. É principalmente nesse campo que o formalismo dos nossos dias se mostra por inteiro: não revela um espírito nem é prático.

Prefere-se o desenho à palavra. Este é o século da figura ou da triste figura do "quadrinho". Já se vai substituindo a imagem verbal pela imagem gráfica. Em consequência, a criança que lê vem a ser, muitas vezes, a criança que não escreve. Onde nisso o "racional", o "funcional", o "prático"? . . . E não é isso, principalmente isso, que se está renletindo nos cursos secundários, para agravar-se nos superiores, onde as levas de desajustados verbais são o fator mais constante de turbacão pedagógica? Sejamos verazes: nosso estudante precisa escrever, lidar com as palavras, aprender a organizar, a compor o pensamento, não apenas para cumprir um imperativo literário ou ltero-gramatical, mas para atender a uma imposição de zelo próprio ou da dignidade intelectual elementar. Quem impugna esse raciocínio não está vivendo, decididamente, o conceito de civilização, de civilidade, de cultura — de educação.

O mundo gravita em torno da linguagem. Timbrar nessa realidade, difundir e ilustrá-la na primeira escola, não será apenas salvaguardar, numa obra de previsão, a consistência e a seriedade do ensino superior; será ainda servir à concepção dinâmica ou "ativa" de educação, por isso mesmo que linguagem é vida — veículo primeiro de socialização ou da convivência humana e fator de êxito, já nem somente nas provas da escola, senão, antes de mais nada, na escola da vida, com as suas provas diárias. . . .

Essa, ao fim de contas, a tese realista, a tese justa, a tese prática; o mais, sim, é verbalismo pedagógico, nomenclatura de poucos, para confusão de muitos — uma dança de sinônimos no inferno intelectual da improvisação e da pressa.

Lê-se, mas esse ler, observe-se, é um ler de colégio e no colégio. Leituras outras, de mais sumo e polpa, que distendam e consolidem a aprendizagem ou dignifiquem ou enobreçam a sensibilidade e a inteligência, essas não se fazem. Para quê? Pois aí não está, como já opinam tantos, a maravilha dos instrumentos de mecanização das idéias? Para que servem os prodígios da industrialização? . . . Não é essa a lógica diurna e noturna de um certo progressismo? . . .

O NORTE E O SUL

Certa vez, quando de sua visita ao Brasil, revelava-me o Professor King Hall, da Universidade de Colúmbia, que se está intensificando, nos Estados Unidos, em vários núcleos, o ensino pela televisão. Creiam-me: não apurei, no meu excelente informante e amigo qualquer entusiasmo pela iniciativa. E quando lhe expressei, devagar, que também eu não festejava a novidade, a sua franqueza foi rápida e larga: — "Seria muito mau que isso acontecesse aqui". Repetiu a palavra "aqui"; e olhou em torno, como se olhasse para todo o Brasil . . .

De mim para mim, entrei a pensar, ou a repensar, que outra coisa não temos feito senão importar idéias, sistemas, regimes, técnicas — e mal. Aquele vezo, em cuja denúncia tão a fundo se empenharam Alberto Torres e Oliveira Vianna — a transladação simples e sumária de instituições políticas forasteiras — estamos agora reeditando (agora como nunca) no que afeta às instituições educacionais. De certa maneira, em certos casos, sofre o modelo os nossos maus tratos; e acalcanhando o decalque, claudicamos . . . Fazemos do Brasil um vasto recreio, sob a certeza de que é "alegre" e "atraente" a escola do estrangeiro. E desdenhamos ou praticamente suprimimos, entre outros valores, a sólida *educação verbal*, imaginando combater o ensino verbalista. E organizamos a desordem, vítimas do próprio açodamento. Seja, porém, como seja, computadas, embora, as impurezas tropicais da cópia, o fato decisivo é que erramos por importar. Em qualquer hipótese, há um modelo fora da barra — uma influência transatlântica . . . Se praticamos algumas erronias, cincando na forma, não nos distanciamos, afinal, do centro das idéias importadas, cujo espírito forcejamos por manter. E está nisso o mais triste, o essencialmente mau, o péssimo da nossa atitude.

Não seria eu quem fosse cometer o pecado político ou o absurdo sentimental de malsinar os nossos amigos do Norte, invejáveis habitantes daquela democracia de aço, para cujas fábricas, usinas e bancos se voltaram, na última Grande Guerra, e na hora pior, as esperanças e os apelos da liberdade em perigo. O que sustento, executando uma cláusula do meu próprio magistério, é que entre a formação das duas sociedades, a norte-americana e a nossa; entre a estrutura, e o processo evolutivo; entre os padrões de conduta e de julgamento; entre as maneiras de ser e de fazer; entre a natureza dos objetivos, dos interesses, dos sentimentos de

uma e outra, há grandes e claras distâncias a assinalar. Os norte-americanos, por seus traços culturais, por seu tipo de economia gigantista, por seu explicável e conseqüentemente espírito de transação aventureira e de lucro (nosso povo já concluiu, na sua música, que "Tudo é lucro" . . .) — os norte-americanos, ia dizendo, pela inconfundível processualística do seu trabalho e da sua produção, por seu "mamutismo" industrial irresistível e vertiginoso, são um povo condenado às formas elétricas da vida; nem só da vida, senão da morte, como nos prova a "cadeira" fulminante, símbolo da instantaneidade, tragicamente exemplar, do seu direito penal. Mas a mesma vocação de celeridade, a mesma rapidez, que põem no ato sinistro do castigo, podem os sobrinhos do velho Sam ostentar à mesa da recreação, nas horas do "bridge", do "pocker" e do que mais seja, pois não lhes falta ao próprio jogo uma certa mecanização, graças àquela curiosa máquina de baralhar cartas . . .

Esse mínimo de exemplificação e de argumentos é bastante para justificar que o espírito de eficiência, entre os nossos poderosos vizinhos, se traduza, de regra, pela materialidade das soluções ou por um sentido corpóreo das coisas; e isso explica que se comprazem em ter, ou precisem ter, das próprias idéias, uma compreensão física, um conceito ótico. Daí, em sua ciência e nos seus métodos de pesquisa, o primado virtual do gráfico, da gravura, da fotografia, da figura (ei-la aí, a figura . . .), coisas, todas essas, que nos levam a admitir a mecanicidade da sua pedagogia e de que nos dá uma viva ilustração o humorismo "animado" do seu desenho na tela . . .

São assim os ianques, porque assim precisam e têm de ser, jungidos à força de um determinismo econômico-social, sob cuja pressão inelutável se educam realmente para a vida . . . norte-americana. Nunca lhes ocorreu a tentativa de contrariar à própria formação; foram sempre leais a si mesmos, lucidamente atentos ao imperativo das circunstâncias de lugar. Não será então de estranhar que os estudos de ecologia lhes mereçam a mais orgânica, a mais telúrica das dedicações . . . Por que não os imitamos — já aí, sim — nessa atitude de autofidelidade, de introspecção efetiva, de realismo operante, buscando, no seu exemplo, a inspiração precisa para sermos cada dia mais nós mesmos, como sabem eles ser eles, e só eles? . . . É nessas virtudes que os devemos seguir dessa outra banda do Atlântico, ao invés de os repetirmos nos cartões de "Boas-Festas" ou no canto de aniversário; e em lugar de lhes copiarmos os códigos de educação e de política, ou de nos esforçarmos para assimilá-los, como buscamos assimilar as práticas mundanas e artísticas de uma burguesia industrial, da sua aristocracia dinheirista, da sua "leisure-class", forçando, aqui, o gasto e o gosto; criando estilos agressivos de elegância ou de uma elegância simplesmente pândega; opondo ao gracioso o apenas engraçado, ao alegre razoável o gritante pueril, ao traço de arte traços de troça; preterindo o realmente fino pelo excessivamente caro; condicionando o êxito e a ascensão social à mera capacidade aquisitiva, ao poder contingente de compra e venda; estimulando, desse jeito, o surto das falsas elites de ocasião, pilhéricas, postíças, precárias; promovendo a inversão e a confusão dos valores; animando, já se vê, as manifestações caóticas da mobilidade dos grupos e dos indivíduos; infelicitando o nosso pré-capitalismo, congestionado agora, a bem dizer, por formas cabotinas de industrialização ou por um

industrialismo boêmio, a esmo e de golpe; estimulando uma economia pedante, numa democracia pedante; endividando a bolsa e o espírito, remunerando a própria desnaturação, porque violentando os fundamentos endógenos da nossa cultura. . . . am vez disso, de tudo isso, de toda essa obra de auto-rotura, tenhamos a lógica de cumprir, antes de mais, as leis da vida, da nossa vida brasileira; com o seu vasto painel de singularidades, o seu quadro de motivações, a sua teia de paradoxos, a sua constelação de problemas e processos, a sua faixa de valores consolidados, a sua área de reforma, de revisão, de redescoberta e, antes de tudo, de afirmação.

Toda essa matéria-prima da universidade seriamente brasileira lhe amplia e adensa a função social; e no processo dessa universidade, identificaremos o processo mesmo de integração das nossas elites confusas, atônitas ou indefinidas. Não tem outro caminho, entre nós, essa ainda vacilante instituição universitária: terá de adotar a linha de equilíbrio e harmonização dos valores conflitantes, num sistema cartesiano de intertransigência ou de contenção e diluição gradativa dos excessos: nem a estimulação do cacoete litero-jurídico nem a excitação do falso realismo, a ingenuidade esquemática do bacharelismo moderno, que é o *formalismo tecnicista*, contradição da própria técnica. Verdadeiramente, o que interessa à universidade brasileira desta hora não é, não poderia ser a inocência erudita de transferir complexos; não é substituir, candidamente, um por outro; não é trocar, pitorescamente, de exclusivismo; não é apenas alterar a ordem dos fatores de fetichismo cultural, mas erradicar esse fetichismo ou reduzi-lo, até porque há nele um traço de radicalização que agravaria os males da transplantação ancestral, da importação sumária, da cópia de idéias e estilos educacionais. E toda a nossa problemática universitária está na carência de afirmação própria. Uma universidade que aspire a ser brasileira de espírito e de ação há de preferir, é claro, a solução endógena, uma política interior para a educação e a difusão cultural; solução, portanto, buscada em nossa tendência a conjugar, a fundir os elementos criativos, a abrandar os exclusivismos, a enxugar os excessos. Em essência: a opção da nossa escola superior — ou da sua política — traduz-se na busca incessante da intercompensação dos valores, que dão sentido, forma e duração ao trabalho universitário. Porque a verdade final é que todo esse empenho e esse gosto de compensar e de conjugar atendem em profundidade, ao gênio do grupo, à vocação da sociedade, à alma da nossa gente.